

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Adriana Oliveira Xavier

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
adrianaxavier79@gmail.com

Isabel Cristina de Jesus Brandão

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
icjbrandao@ig.com.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como se constrói a identidade da criança negra no ensino fundamental dos anos iniciais. O público alvo são crianças entre 9 e 12 anos, matriculadas no 4º e 5º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, a pesquisa acontecerá em uma escola pública da rede municipal de Vitória da Conquista. Desse modo compreendemos que para a construção de uma identidade no meio educacional é papel tanto da escola, quanto dos educadores que atuam com essas crianças no ambiente escolar. Neste contexto, tentamos compreender como são os processos de construções das identidades das crianças negras neste ambiente escolar. Atualmente temos a Lei Federal 10.639/03, que altera a Lei (LDB-Lei 9394/96) e torna obrigatório o estudo sobre a cultura e História Afro-Brasileira e Africana nas instituições públicas e privadas os curriculares nacionais para a implementação da Lei. Vale salientar que o presente artigo faz parte de uma pesquisa em andamento. O percurso metodológico da pesquisa se dará em torno da sociologia da infância, usando como método de pesquisa a análise de conteúdo de Bardin (2016).

Palavras chave: Criança. Identidade negra. Infância.

Introdução

O conceito de identidade tem sido discutido no âmbito dos estudos culturais, na busca de novas explicações frente ao contexto dinâmico da contemporaneidade na relação simultânea entre o eu identidade pessoal, como também a identidade coletiva. Conceitua Castells

Identidade é um processo de construção e significado com base em atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual

(ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto no auto-representação quanto na ação social. (Castells.1999, p.22)

Nesse sentido a pesquisa será trilhada por três conceitos principais que darão sustentabilidade para a pesquisa. “raça”, “identidade” e a sociologia da infância com as categorias infância e criança estarão presente na seguinte pesquisa.

A pesquisa se propõe a compreender como se constrói a identidade da criança no ensino fundamental dos anos iniciais, acontecerá na em escola da rede municipal na cidade de Vitória da Conquista Bahia. O público alvo da pesquisa são crianças entre 9 e 12 anos, matriculadas no 4º e 5º ano do ensino fundamental dos anos iniciais. A pesquisa será qualitativa, utilizando como instrumentos de pesquisa, coleta de dados, entrevista e semi-estruturada, caminhará nos rumos da sociologia da infância, pois as entrevistas serão com crianças e utilizaremos enquanto método de pesquisa a análise de conteúdo de Bardin para análise dos dados.

Nesse modo para compreendemos a construção de uma identidade no meio educacional requer do educador (a) um compromisso que venha proporcionar ao educando (a) uma possibilidade de aprender novos conceitos. Dentro de uma perspectiva pedagógica compreendemos que é de suma importância um aprendizado que possibilite a construção e desconstrução do conhecimento. Segundo SILVA e MONTEIRO (2000)

Ao dizer identidade, estamos referindo nos á consciência que cada um de nós tem de si próprio, ao ter sua comunidade, de sua classe social, do seu grupo de raça. (negro índio, amarelo, branco0, de gênero (mulher, homem), dos pais que vivemos). Consciência essa que elabora na vida do dia-a-dia, dando significado ás relações que dão na família na comunidade, na escola e no mundo do trabalho. (p.77)

Segundo (SANTANA;SANTANA: MOREIRA 2013). “A identidade, como a cultura, tende a ser constantemente modificada ou remodelada no processo das relações sociais, tornando-se fluida, cambiante, contraditória, instável” Assim podemos afirmar que a identidade não é algo sólido, mas é algo que precisa ser construído constantemente assim como o aprendizado. Nas palavras de Hall (2006, p. 13), A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é

uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.

Vale salientar que um dos fatores que contribuíram para escolha do tema foi curso de pedagogia estudando na UESB¹ e a militância vivenciada dentro do mesmo, pude perceber através do centro acadêmico de pedagogia, e dos movimentos sociais que fiz partes, estes como: a) Levante Popular da Juventude², b) Marcha Mundial das Mulheres³, ajudaram me posicionar e compreender a minha identidade, enquanto mulher negra na sociedade.

Durante o percurso profissional tive espaços que contribuíram para questionamentos e a escolha da proposta de pesquisa. Atuei como Educadora Social no ano de 2015 na Pastoral do Menor Nossa Senhora de Fátima, contribui também na formação pedagógica das educadoras no ano de 2016, atuando na coordenação pedagógica da instituição. O período na Pamen⁴ reafirmou meu desejo e minha militância nas questões sociais, neste caso especificamente na luta em defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Esse período na instituição foi de suma importância para perceber as questões que estavam voltadas às relações étnicas raciais e que perpassava o ambiente, mas por vezes estavam invisibilizada pelos profissionais que não percebiam a importância e pela própria instituição, que restringia as atividades voltadas as questões étnicas raciais somente na comemoração da consciência negra.

Essas situações não estiveram presentes somente no período que trabalhei na pastoral do menor, mas na minha vida e caminhada profissional, a exemplo disso, nas escolas e em projetos que atuei e na própria militância vivenciada, como já citada acima. No ano de 2016, iniciei uma especialização na UESB, essa mesma em Fundamentos Sociais e Políticos da Educação que despertou ainda mais o interesse em estudar o tema mais aprofundando, afinal a especialização

¹ UESB Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

² Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes voltadas para a luta de massas em busca da transformação da sociedade

³

⁴ A Pastoral do Menor é um serviço da [Igreja católica](#) voltada para o atendimento de crianças e adolescentes ela tem como missão a “promoção e defesa da vida das crianças e dos adolescentes empobrecido e em situação de risco, desrespeitados em seus direitos fundamentais”. Seu lema é "*Quem acolhe o menor a mim me acolhe*"

exigia de nós um projetocrítico e que fosse relevante para uma seleção de mestrado, tornando se assim mais uma motivação para buscar a pesquisa.

Em meio a esse caminho formativo e percebendo a necessidade da formação dos estudantes nos espaços acadêmicos e na educação básica de ensino, é necessário um estudo que enfatize na construção da identidade dos sujeitos. Dentre alguns documentos que tratam diretamente em relação à valorização e respeito às diferenças neste caso da negra, podemos recorrer as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que compreendem que,

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (BRASIL, 2004, p.12)

. Neste contexto, tentamos compreender como são os processos de construções das identidades. Atualmente isto estar assegurado na Lei Federal 10.639/03³, que altera a Lei (LDB-Lei 9394/96)⁵ e torna obrigatório o estudo sobre a cultura e Historia Afro-Brasileira e Africana nas instituições públicas e privadas Os Curriculares Nacionais para a implementação da Lei são políticas de ações afirmativas, fruto de anos de luta do movimento negro para que o estado brasileiro reconhecesse o racismo e traçasse estratégias para combatê-lo.

Discutindo o conceito de Raça e Identidade

Para MUNANGA (2016) o termo “raça” tem um sentido social e político, que diz respeito á historia da população negra no Brasil e à complexa relação entre raça, racismo e preconceito e discriminação racial. Para o Movimento Negro quando se usa o terno raça não fazem alicerces à ideologia narcisista ao contrário eles rejeitam a ideia de que existam raças superiores e inferiores. Segundo MUNANGA (2016)

³Lei (LDB-Lei 9394/96) Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Ao utilizarmos o conceito raça negra no Brasil, com sentido político, conseguimos com que as pessoas, de um modo geral, entendam a que segmento da população estamos nos referindo. Denunciamos o racismo, alertando a todos para o fato de que aqueles classificados como negros (pretos, pardos, morenos e mulatos) estão expostos a condições de vida, educacionais e salários extremamente desiguais quando comparados ao segmento branco da população brasileira. (2016, p.175)

Quando pensamos na história do africano escravizado pensamos que historicamente o negro sofreu de uma forma passiva, pois durante muito tempo foi isso que foi passado para a sociedade brasileira e diante disso MUNANGA (2016) nos apresenta que essa crença interferiu e ainda interfere ainda hoje no imaginário construído em nossa sociedade a respeito dos nossos antepassados africanos.

MUNANGA (2016) ainda nos alerta sobre o quanto é importante perceber que a origem deste tipo de crença, interfere na visão que temos sobre as pessoas negras e no modo que nos relacionamos com elas. Essa questão além de interferir na vida das mais variadas formas, têm um efeito na construção da auto-estima e na identidade tanto das pessoas brancas e principalmente nas pessoas negras.

Quando definimos identidade, entendemos que a mesma não é construída no processo de isolamento, mas ela se dá no processo de interação com a sociedade, assim podemos afirmar quer os indivíduos agrupam-se a parti de elementos em comum e que identificam com seus grupos. Neste sentido, podemos entender o conceito de identidade como um conjunto de aspectos individuais, que caracterizam uma pessoa, mas também um aspecto plural, constituído a partir das relações sociais que são permanentemente mutáveis como destaca Gomes (2005),

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares e referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p. 41)

Segundo Santos (2012) não podemos falar sobre identidade sem tão pouco falar sobre diferença, já que as relações estabelecidas entre eu e o outro que são estabelecidas são conflituosas, pois os modelos estabelecidos na sociedade ainda são do homem branco,

heterossexual e ocidental, sendo então este modelo que devemos nos assemelhar. No entanto reconhecer que somos diferentes para estabelecer uma diversidade cultural no Brasil não é suficiente para combater os estereótipos que marginalizam algumas pessoas nessa sociedade, assim afirma Candau (2005),

Não se deve contrapor igualdade a diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõe à igualdade, e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, à mesmice. (CANDAUI, 2005, p. 19).

É contra essa “padronização” que alguns grupos se dedicam a conquistar posições sócio-políticas que levem a uma redefinição de suas relações com os outros grupos presentes na sociedade. GOMES (2005) destaca, que assim com o os processos a identidade negra se constrói gradativamente num movimento que envolve diversas coisas, pois a identidade negra é uma construção social, histórica e cultural onde o sujeito se reconhece enquanto étnico/racial a partir de sua história e relações estabelecidas com o outro.

Segundo MUNANGA (2016) aprendemos desde crianças, a olhar a diversidade humana, ou seja, as nossas semelhanças e dessemelhanças a parti das particularidades, contudo ele nos apresenta que como estamos “imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos ver as diferenças de forma hierarquizada, perfeições e imperfeições, beleza e feiura, inferioridade e superioridade”. (2016, p 177).

Diante disso percebemos que ao longo do processo histórico, no contexto das diversas culturas, as diferenças e semelhanças foram ganhando sentidos e significados diversos e que não aprendemos de uma forma positiva com as diferenças, mas sempre procuramos “excluir” o que é diferente, principalmente por não ter uma compreensão ampla por isso à importância de compreender e respeitar as diferenças numa amplitude maior no meio educacional, pois a escola precisa ser espaço que oferte as possibilidades de construção e desconstrução do conhecimento.

A contribuição da escola na construção da identidade negra passa pelo projeto pedagógico e por ações inclusivas que possibilitem a esses alunos serem protagonistas de sua própria história e de seu desempenho social, por meio de conteúdos e práticas pedagógicas de valorização de suas identidades.

Neste sentido, a escola precisa desenvolver atitudes educativas com fins de possibilitar aos educandos, no caso dessa pesquisa as crianças negras que sejam sujeitos. Para isso, ela precisa desconstruir os fantasmas dos complexos e de inferioridades que prejudicam esses educandos MOURA (2005) nos afirma que, “Como a democracia é ao mesmo tempo, fundamento e finalidade do exercício da cidadania, a educação deve proporcionar a formação de cidadãos que respeitem a diferença e que, sem perder de vista o caráter universal do saber e a dimensão nacional de sua identidade”(, 2005, p. 76). Sendo assim a escola precisa estar atenta a toda diversidade que está a sua volta e trabalhar a mesma no contexto escolar.

Infância enquanto categoria social

A Sociologia da Infância é um campo de estudo que, segundo Sarmiento (2005), propõe-se a investigar a sociedade a partir de um ponto de vista que adota as crianças como sujeitos da pesquisa sociológica. Questão essa importantíssima, pois para compreendemos as crianças enquanto sujeitos precisamos entender como funciona a sociedade, pois essa mesma por muito tempo não compreendia as crianças enquanto categoria de análise, O autor determina as diferenças semânticas e conceituais, entre infância e criança, esclarecendo que a infância significa a categoria social e criança como sujeito concreto que integra essa categoria geracional. Que para além de um grupo próprio é um ator social e que pertence a uma classe social, a gênero e a uma etnia.

Desse modo, fica claro que a infância é uma das etapas que constitui a vida das crianças. Diante disso, reconhecer a infância como construção social implica aumentar as concepções e não entender a mesma apenas por características biológicas, mas compreender mesmo todo o aspecto social que dar vida esta categoria.

A análise da produção existente sobre a história da infância permite afirmar que a preocupação com a criança encontra-se presente somente a partir do século XIX, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo, mas este fato não anula que desde começo dos séculos as crianças já se fazia presente na sociedade. Compreendemos o tempo histórico e como cada criança se fazia presente, por vezes invisibilizada e enxergada como adulto em miniatura era assim que a

criança era vista pela sociedade. Com o passar dos séculos percebemos os estudos crescente, principalmente por parte da sociologia e da psicologia.

Assim, a criança já neste século, viu-se integrada em uma noção de desenvolvimento, a qual passou a mostrá-la como um ser cujo crescimento é um desdobramento numa sucessão de fases intelectuais e emocionais. Infância é um conceito cultural tanto quanto biológico. Ariès (1978) mostra que a arte medieval, até o século XII, não usou crianças como modelo. Na maior parte da história, crianças com mais de sete anos foram tratadas como pequenos adultos. Vestiam-se como eles, faziam os mesmos trabalhos e ingressavam na comunidade sexual dos adultos quando tinha idade inferior às crianças de hoje.

Para Sarmiento (2002) a infância foi construída historicamente, nos últimos séculos através da sucessiva exclusão das crianças nas esferas sociais: O trabalho o convívio social com os adultos e fora do círculo familiar. É no século XX que as crianças ganham visibilidade na sociedade, pelas ONGs que lutavam pela garantia de direitos que por vezes não garantidos. O conceito de culturas da infância tem vindo a ser estabelecido consiste em parte pela Sociologia da Infância como elemento distintivo da categoria geracional

Segundo Sarmiento (2002) as culturas da infância são tão antigas quanto à infância resultam do processo societal de construção da infância. As diferenças geracionais são construídas socialmente. Quando Sarmiento coloca que são construídas historicamente recusa a concepção ontogênica se afasta de uma perspectiva que naturaliza os modos de percepção, representação e significado do mundo pelas crianças.

Sarmiento (2002) nos aponta que as culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus extratos e na sua complexidade e diante disso podemos compreender quer,

A relação particular que as crianças estabelecem com a linguagem, através da aquisição e aprendizagem dos códigos que plasma e configuram o real, e da sua utilização criativa, constitui a base da especificidade das culturas infantis. Ora, esta aquisição e aprendizagem é desenvolvidas predominantemente nas instituições educacionais (jardins de infância e escolas), tanto quanto nas interações realizadas no espaço doméstico, através da educação familiar.(2002)

Desse modo não podemos restringir a cultura da infância a processos institucionalizados de formação e constituição (especialmente a escola), mas perceber este âmbito abrangente em que a sociologia da infância se constitui.

No Brasil ainda é recente os estudos e pesquisas que se preocupe desenvolver metodologias que levem o adulto escutar o ponto de vista das crianças, ou que considerem as crianças como informantes e interlocutoras. Diante disso, escolher uma metodologia que seja desenvolvida com crianças não é algo tão simples, mas é instigador, pois as crianças também dentro de suas peculiaridades também produz conhecimento a ser transmitido e compartilhado.

Metodologia de Pesquisa com Crianças

A pesquisa sobre infância e as diferentes crianças é talvez o desafio maior que se coloca os pesquisadores, mesmo os mais experientes: Para DEMARTINI (2002) é necessária uma atenção para a questão das várias infâncias, isto é, para a problematização das vivências infantis, pois isso por vezes não é levando em conta nas pesquisas, não compreendemos e nem conhecemos que para a sociologia da infância, as infâncias são diferentes a depender da realidade que cada criança no seu espaço de interação vivencia. Reafirmando isso DEMARTINI nos apresenta que,

Levando-se em conta que as crianças são constituintes de realidade social, fazem parte de grupos sociais, sendo impossível pensarmos em uma criança, “genérica”, quando pensamos infância no Brasil, nos dias atuais ou em termos pretéritos. Mesmo que cada grupo, é possível perceber vários outros elementos que vão aproximando ou afastando crianças que, num primeiro movimento parece semelhante. (2002, p.12)

Nesse sentido precisamos levar em conta as diferenças infantis e particularidades de cada grupo, neste caso é ponto de partida principal para a pesquisa. Este ponto por vezes não é levado em consideração em grande parte nos estudos e principalmente quando são estudos com crianças. Deste modo, a sociologia da infância vem dar outra perspectiva para as pesquisas com crianças, dando uma maior importância para os sujeitos, neste caso as crianças que estão sendo pesquisadas.

A maioria dos estudos que foram desenvolvidos com crianças ao longo dos séculos não protagonizou a criança enquanto um sujeito que faz parte da pesquisa, mas sim muitas vezes

desconsiderando as marcas que cada criança traz em sua formação social e cognitiva no seu processo de construção e desenvolvimento. Segundo Dermanti (2002) é durante a infância e juventude que os indivíduos vão moldando suas identidades, pois é neste processo que começam ser desenvolvidas o que as “crianças” especificamente vão aprendendo ao longo de suas vivências.

A inserção de crianças como autores importantes no processo de pesquisa coloca questões á realização de entrevista que é abordagem escolhida para a coleta de dados desta pesquisa. A participação ativa das crianças nas pesquisas nos chama atenção ao importante desenvolvimento de uma consciência político pedagógica e teórica metodologia em relação ao mundo social e cultural das crianças nos aponta FILHO e BARBOSA (2010) para, além disso, também enxergar a criança como um sujeito que tem em si suas implicações é sujeitos ativos dentro de suas particularidades e individualidades dentro da sociedade.

Dentro desta perspectiva podemos encontrar algumas dificuldades, pois este procedimento metodológico escolhido, não é uma escolha feita pelas crianças, mas sim é o adulto que escolhe, então podemos identificar mais um desafio que a pesquisa com crianças nos coloca FILHO E BARBOSA salienta essa questão,

Este é o desafio teórico-metodológico posto para os adultos que querem pesquisar a infância e os conteúdos que ecoam das vozes das crianças. Em outras palavras, desafio para pesquisadores que pretendem analisar as culturas infantis e as formas de socialização das crianças, a partir de procedimentos metodológicos que, mesmo sendo definidos e utilizados por adultos, direcionam-se a colher das crianças – por meio de suas vozes – o material empírico necessário às suas análises. (2010 p.10)

Essa questão nos faz querer aprofundar o conhecimento sobre a infância a partir das indicações das crianças e ouvi-la sobre suas experiências da infância e interpreta-la com a participação delas mesmas. Pois não podemos só compreender aquilo que aponta sobre as crianças, mas é necessário escutá-las para saber o que elas também pensam sobre si, sendo assim FILHO E BARBOSA aponta que existe uma,

“perspectiva que se fala do adultocentrismo como acúmulo de obstáculo ao conhecimento da realidade de ser criança. Adultocentrismo que se torna sombra

nas pesquisas com a pequena infância, sombras que obscurecem as vozes das crianças.” (FILHO E BARBOSA. 2010 p.11)

É necessário para a pesquisa com crianças um desenvolvimento de um olhar e de uma escuta atenta e sensível. FILHO E BARBOSA (2010) nos traz a ideia de “lente de aumento” para a possibilidade de uma pesquisa mais cautelosa e cuidadosa levando em conta “tudo” que a criança constrói e constrói através de sua história e seu desenvolvimento na sociedade, pois é mais uma estratégia de uma pesquisa com qualidade e protagonizando o sujeito da pesquisa sem a interferência do adulto.

Precisamos desenvolver práticas de metodologias que tomam crianças como sujeito participante do processo não é algo simples como já citado acima, principalmente por estar no âmbito de pesquisas recentes. Segundo FILHO e BARBOSA (2010) ao contrário do que se pensa, mesmo estando diante de um movimento de pesquisas que inclui as crianças como sujeitos participantes do processo metodológico o desenvolvimento e procedimentos de pesquisas com crianças é um campo incipiente Sarmiento e Pinto (1997) esclarecem melhor esta questão:

O estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergente, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz das crianças. Assim, além dos recursos técnicos, o pesquisador precisa ter uma postura de constante flexibilidade investigativa. (...) a não projetar o seu olhar sobre as crianças colhendo delas apenas aquilo que é o reflexo dos seus próprios preconceitos e representações. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. (SARMENTO & PINTO, 1997. p. 78)

Para FILHO e BARBOSA (2010) é preciso desenvolver de maneira crítica e consciente que a participação de crianças envolve uma mudança nos métodos e assuntos de pesquisas, sendo assim, a relação adulto e crianças não pode seguir por viés de submissão e sim de mediação, interação e negociação.

Considerações Finais

Contudo é importante ressaltar mais uma vez que este artigo faz parte de uma pesquisa em andamento e que a mesma é de grande relevância para sociedade, principalmente quando destacamos a escola enquanto lugar de construção/desconstrução do conhecimento e evidenciamos

mais uma vez a importância das pesquisas com crianças, pois precisamos escutar as mesmas para compreendermos a construção de identidade da criança através do olhar das mesmas e ressaltando e tentando destacá-las enquanto protagonistas neste processo educacional que elas vivenciam todos os dias no ambiente escolar.

Referencias

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1973

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, São Paulo; Edições 70, LDA, 2016.

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "**História e Cultura Afro-Brasileira**".

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O Poder da Identidade** Vol.II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CANAU, Maria Vera (org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru. EDUSC. 1999.

DEMARTINI, Zeila de B. Fabri. Infância, Pesquisa e Relatos Oraís. In: Faria, Ana Lúcia de; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, Patricia D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

FILHO, Altino José Martins .BARBOSA, Maria Carmen Silveira, **Metodologias de Pesquisa com crianças**.vol.18, ano 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

GOMES, N. L. **Educação, Raça e Gênero: Relações Imersas na Alteridade**. In: Cadernos Pagu- raça e gênero, (6-7), 1996, p.69- Publicação do PAGU- Núcleo de Estudos do Gênero/UNICAMP, Campinas- SP.

_____, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo horizonte: Mazza Edições, 1995, 200p.

_____. **Educação, Raça e Gênero: Relações Imersas na Alteridade**. In: Cadernos Pagu: raça e gênero, Campinas-SP:Publicação do PAGU- Núcleo de Estudos do Gênero/UNICAMP,

_____. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MINAYO, M.C. de S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26ª Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

MOURA, Glória. O direito à diferença. In: MUNANGA, Kabengele (organizador). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. [Brasília]: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTANA, José Valdir de Jesus. SANTANA, Marise. MOREIRA, Marcos Alves. **Cultura, Currículo e Diversidade Étnicorracial: Algumas Proposições**. Ano 2013.

SARMENTO, Manuel J. **A infância: paradigmas, correntes e perspectivas** (mimeo). Florianópolis, 2001.

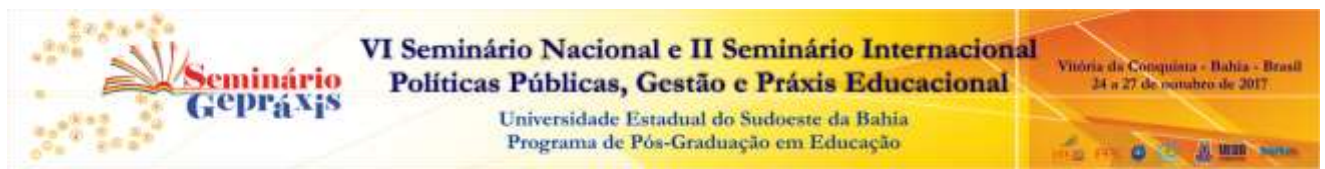
_____, Manuel J. & PINTO, Manuel. As crianças e a Infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (Orgas.). **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu número?** Belo Horizonte: Mazza 2004.

SILVA, P.B.G. MONTEIRO, H.M. **Combate ao Racismo e construção de identidades**. IN ABRAMOWICZ, A.; MELLO, R. (Orgs.). **Educação: Pesquisas e Práticas**, Campinas: Papyrus. 2000, p.75, 99.

SILVA, Palmira Da. **Identidade e Consciência Racial Brasileira**. Petrópolis-RJ: 2003, p.53.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.



SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estela Muszkat . **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.